

Retratos da vida cotidiana no gênero textual “crônica”, de Clarice Lispector

Rosimar Di Mingo

Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

Resumo Estudo da obra *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector cujas crônicas produzidas entre os anos de 1967 a 1973, para o *Jornal do Brasil*, aos sábados, apresentam molduras espaciais, sociais, filosóficas, metalingüísticas, religiosas, cotidianas através de um olhar feminino atento, crítico, poético e sensível. Rastrear, ressaltar e refletir sobre o espaço do cotidiano que redescobre outras macabéias, o segredo das coisas simples pela subjetividade e humor é o motivo dessa arquitetura textual: a crônica na percepção de Clarice Lispector.

Não sei se muitos fizeram essa descoberta – sei que eu fiz. Também sei que descobrir a terra é lugar-comum que há muito se separou do que exprime. Mas todo homem deveria em algum momento redescobrir a sensação que está sob descobrir a terra. (Crônica “Doçura da terra”. LISPECTOR: 1999, p. 171).

O domínio da realidade, endereço último das práticas humanas, é agenciado graças ao vigor estruturante do compreender e do agir que, canalizado pelo discurso literário ou não, elabora os sistemas gerais renováveis do mundo percebido e representado. Um quinhão considerável desse vital e labiríntico mecanismo cabe às formas específicas da arte.

Assim, a consciência do artista, com o seu modo de existência, torna-se o responsável pela cenografia espiritual de sua época formulada dialogicamente. Dentre as obras artísticas de Clarice Lispector que espelharão uma arquitetura de produção, um bom exemplo é a crônica “A coisa”, publicada em 9 de dezembro de 1967, presente na obra *A descoberta do mundo*² (1999), em que a cronista descreve o “seu” espaço, olhando para tudo, para o outro totalmente insondável, escondido, piscando a paisagem inebriante e já banalizada:

Eu vi uma coisa. Coisa mesmo. Eram dez horas da noite na Praça Tiradentes e o táxi corria. Então eu vi uma rua que nunca mais vou esquecer. Não vou descrevê-la: ela é minha. Só pos-

² A partir daqui, faremos referência à obra *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector, publicada pela editora Rocco, do Rio de Janeiro, em 1999, utilizando a sigla ADM, sempre por esta edição, seguida da numeração.

so dizer que estava vazia e eram dez horas da noite. Nada mais. Fui porém germinada (ADM, p. 51).

A noção de espaço vincula-se, portanto, a um de seus mais instigantes setores, a saber: a atividade plástica (e seu produto: as artes plásticas), pois não há arte plástica fora do espaço e, quanto ao pensamento humano, quando se exprime no espaço, adquire, necessariamente, uma forma plástica. Na realidade, ao apreciarmos uma obra de arte, não o fazemos objetivamente, pois buscamos nos afeiçoar ao que ela nos provoca. Ao se falar em quadro, subentende-se a presença da moldura. Colocado na parede, ele se abre, possibilitando-nos inúmeras interpretações, por conseguinte, entre a pintura e o que ela delimita, instala-se um espaço que faz crescer suas respectivas singularidades. A moldura, ou o limite, imprime, portanto, à obra, uma possibilidade de conscientização do caráter plural da coisa e um aprofundamento do seu sentido que se apóiam na precisão, na mobilidade e no arejamento do objeto-vida, objeto-cotidiano, objeto-existência, objeto-sentimento. Criadora do espaço estético, Lispector, ao escrever *A descoberta do mundo*, livro composto de crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*, de 1967 a 1973, cria espaços para o visitante-leitor ultrapassar o transitório do cotidiano, cabendo a ele, portanto, a autonomia de organização de seus próprios significados a partir do diálogo que estabelece com o texto-tela. No processo de recepção, ele pode ter não só a experiência da sensibilidade humana como também ser capaz de observar o silêncio revelador da verdade.

Iser (1979), no texto “A interação do texto com o leitor” afirma que o leitor, diante dos vazios do texto, isto é, dos espaços abertos à plurissignificação, inclusive, devido à barra existente entre significante e significado no signo lingüístico, deve encontrar pontos de indeterminação que serão preenchidos de acordo com seu próprio imaginário ou com a “consciência imaginativa do leitor”. Cria-se, assim, a possibilidade de um “leitor ideal” que possa preencher os vazios do texto com uma leitura interpretativa:

A função do vazio consiste em provocar no leitor operações estruturadas. Sua realização transmite à consciência a interação recíproca das posições textuais./ É pela seqüência de imagens conflitantes surgidas dos vazios do texto/ que o significado do texto se torna vivo na consciência imaginativa do leitor (ISER: 1979, p. 132).

Podemos, metaforicamente, afirmar que o livro *A descoberta do mundo*, de Lispector, é como uma casa com fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada, cozinha e porão. O leitor que chega da rua é bem recebido, vai ficando à vontade e percebe a hospitalidade que se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la dentro do teto para a conversa que possa servir de ponte entre a casa e a rua.

Durante a visitação, o estranho, o estrangeiro, bem como o brasileiro, recebem atenções conscientes ritualizadas, solenes, surgindo, às vezes, desculpas, cerimônias verdadeiras, mentirosas, justas, descabidas.

O leitor procura uma conversa séria, um conselho, uma sabedoria, um material de trabalho ou uma diversão como forma de diminuir a insatisfação que tem diante da sociedade paradoxal. Nessa morada de espaços abertos, fala-se sobre o que se ama, justifica-se qualquer descoberta da sociedade e da cultura onde se vive. A sociedade pode ser vista como uma entidade que se faz e refaz através de um sistema complexo de relações sociais em que acontece tudo o que é estritamente necessário e dispensável para a criação de um evento. O estilo barroco é percebido nessa relação social quando se pretende ligar com força, sugestão ou desejo: o alto com o baixo, o céu com a terra, o santo com o pecador, o interior com o exterior, o fraco com o poderoso, o humano com o divino e o passado com o presente.

Lispector, tanto dentro da casa quanto na rua, desperta emoções, reações, leis, orações, músicas, imagens, pessoas. Na parte interna – espaço íntimo e privativo de uma pessoa – a autora apresenta uma sociedade variada, viva, totalizada, englobando a rua na casa como se ela fosse uma grande família. O discurso do narrador apresenta a moldura da sociedade de forma pessoal, crítica e, às vezes, autoritária. A intensidade emocional é alta, a casa torna-se um espaço “ordenador”, com possibilidade de “reconstrução”, onde predomina a liberdade de se poder fazer coisas, de exigir atenção, presença e opinião, bem como de garantir direitos perpétuos; já na rua, os indivíduos são anônimos e desgarrados, além de maltratados pelas “autoridades”, sem paz, sem voz, apresentando, ainda, um comportamento negativo.

A autora coloca-se como uma voz entre essa oposição da casa e da rua. Como um elo que permite unir os dois espaços e, simultaneamente, inventar o seu próprio lugar. Percebe-se que a intenção intelectual é revelar a natureza humana de forma mais profunda, mostrando ao leitor visitante segredos caminhos e singularidades de forma bem à vontade.

Assim, nessa visitação pelo interior da casa (de/com Clarice Lispector), ocorre o autoconhecimento, a autodescoberta, uma vez que o discurso, com a força ferina da autora, com o seu poder de induzir à ação e de mudar sentimentos, desempenha papel fundamental no leitor visitante. As crônicas de gênero leve, ameno, de leitura fácil, em que as percepções e sensações no processo de tomada de consciência da autora diante do olhar atento e da compreensão sobre o mundo são compartilhadas com o leitor, levam-no a sentir e a ver coisas que, por meios racionais, ele não conseguiria apreender e captar inteiramente. Dessa forma, em telas pequeninas, gigantes, coloridas, opacas, silenciosas e festivas, Lispector mostra, pacientemente, pelas páginas de *A descoberta do mundo*, o dia-a-dia com seu agulhão ou com suas belezas inesperadas.

Se, muitas vezes, depois de lido, o jornal acaba tendo um final nada nobre, tal como servir para forrar o caixote dos cachorrinhos recém-nascidos ou o chão da casa que está sendo pintada, questionamos: o que será da crônica depois de lida? Qual é o seu destino? Às vezes, damos sorte e vamos revê-la, em forma de livro, como na obra *A descoberta do mundo*. Entremos nesse recinto para apreciar a escritora brasileira que soube registrar a paisa-

gem encantada e permitir viajar, geograficamente ou não, pelas ruas, pessoas, situações cotidianas, sentimentos e assim podermos visualizar um pouco o que é a vida...

O primeiro texto estudado é a crônica “Falando de viagens” que se refere à moradora da casa. Lispector é um nome russo. Clarice nasceu na Ucrânia, numa aldeia que não existe no mapa. De olhos oblíquos, sugerindo distância: rosto anguloso, maçãs salientes, enfim, um belo rosto eslavo. É Clarice Lispector, num retrato assinado por De Chirico. Não há fragilidade em seu rosto: há força, profundidade, percebendo-se uma certa arrogância de quem domina, mas também serenidade e solidez. Um rosto altivo.

Foi-me oferecida uma viagem à Rússia, se eu quisesse. Mas não quis. Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo. Mas lembro-me de uma noite, na Polônia, na casa de um dos secretários da Embaixada, em que fui sozinha ao terraço: uma grande floresta negra apontava-me emocionalmente o caminho da Ucrânia. Senti o apelo. A Rússia me tinha também. Mas eu pertenço ao Brasil (ADM, p. 353).

Mas que mistério tem Clarice? “Sou tão misteriosa que não me entendo (ADM, p. 116), no entanto, poucas pessoas foram tão particulares quanto ela que ‘Era uma mulher de grande solidão. A solidão era uma maneira de ser livre’”. Assim, em “Anonimato”, a cronista mostra a importância de se preservar a individualidade, remetendo também ao silêncio, ou seja, o escritor oculta aquilo que está no âmago de sua alma:

Tantos querem a projeção. Sem saber como esta limita a vida. Minha pequena projeção fere o meu pudor. Inclusive o que eu queria dizer já não posso mais. O anonimato é suave como um sonho. Eu estou precisando desse sonho. Aliás eu não queria mais escrever. Escrevo agora porque estou precisando de dinheiro. Eu queria ficar calada. Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. Essas por dinheiro nenhum. Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio (ADM, p. 76).

Quem é Clarice? Em “Lembrança de filho pequeno”, ela própria se define: “Sou uma imigrante que se enraizou em terra nova. Meu olho é vazio, áspero, olha bem (ADM, p. 139). Também, complementando a sua descrição, ainda temos, na crônica “Intelectual? Não”, o seguinte depoimento:

Sou uma pessoa que tem um coração que por vezes percebe, sou uma pessoa que pretendeu pôr em palavras um mundo inteligível e um mundo impalpável. Sobretudo uma pessoa cujo coração bate de alegria levíssima quando consegue em uma frase dizer alguma coisa sobre a vida humana ou animal (ADM, p. 149).

Mas para que ela nasceu? A resposta, podemos encontrá-la na crônica “As três experiências” (ADM, p. 101): “Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos [...] As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge”.

Neste estudo, faremos uma abordagem ao gênero “crônica”. Mas o que vem a ser o vocábulo “crônica”? Na mitologia clássica, o deus Cronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou com a própria irmã, Réia. Urano e Gaia, conhecedores do futuro, predisseram-lhe que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Para evitar a concretização da profecia, Cronos passou a devorar todos os filhos nascidos de sua união com Réia até que esta, grávida mais uma vez, conseguiu enganar o marido, dando-lhe para comer uma pedra em vez da criança recém-nascida. Assim, a profecia se realizou: Zeus, o último da prole divina, conseguiu sobreviver, deu a Cronos uma droga que o fez vomitar todos os filhos que havia devorado, liderando, ainda, uma guerra contra o pai, que acabou sendo derrotado por ele e pelos irmãos.

Cronos é a personificação de tempo e, de acordo com uma das abordagens teóricas dos mitos clássicos, sua lenda pode ser lida como uma alegoria: a de que o tempo, em sua passagem fatal, engole tudo o que é criado e tudo o que é criatura.

O vocábulo grego “*chronos*”, que significa “tempo”, encontra-se, em sua língua, como radical de muitos termos que, etimologicamente, ligam-se ao sentido original. Assim, rastreando dicionários, acabamos sabendo, por exemplo, que *crônico* é um designativo de divisão do tempo; que um *cronograma* é um gráfico que prevê prazos para a execução de um trabalho, e que obedecer a uma ordem *cronológica* é dispor fatos na ordem temporal em que se deram. Da mesma forma, temos o vocábulo “crônica” cujo radical das palavras citadas encontra-se nela, relacionando-a com a idéia de tempo. No *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), o vocábulo “*crônico*” é dado como originário do grego *chronikós* (relativo ao tempo), recebida pelo latim *chronicu*. Assim, mesmo que se encontre, em outros dicionários, variantes do ético de crônica, nenhuma dessas variantes deixa de radicar-se ao sentido original de *cronos* (tempo).

Designativo de um gênero específico de textos, o vocábulo “crônica” mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação. Vale ressaltar que, se consultarmos um dos nossos mais conhecidos e usuais dicionários, o verbete assinala, entre sete significados, os dois, a seguir, que interessam a este estudo:

Crônica (do lat. *chronia*). s. f. Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. [...] Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas, fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., simplesmente relativos à vida cotidiana (HOLANDA: 1986, p. 503).

Como se pode perceber, o primeiro dos significados remete ao vocábulo “crônica” em seu sentido primordial, ou seja, refere-se aos registros do passado e aos fatos na ordem em que se sucederam. O segundo apresenta o vocábulo em sua acepção atual, ou seja, um enfoque dos fatos cotidianos. Evidencia-se, contudo, tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao seu sentido moderno, que a crônica, devido à sua própria

origem, está sempre ligada à idéia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica remete sempre a um resgate do tempo.

Assim, para arrematar esta introdução com final também alegórico que tenta parafrasear e modernizar o mito clássico, pode-se afirmar que, assim como Zeus humano, a cronista também arranca das entranhas de Cronos os filhos que ele quer devorar, na medida em que não deixa perecer no tempo a matéria fugaz da vida, registrando-a e salvando-a do esquecimento. Dessa forma, a partir desses estudos, podemos levantar os seguintes questionamentos: o que é crônica para Clarice Lispector? No texto “Ser cronista”: “Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito?” (ADM, p. 112); percebemos que ela também sente dificuldade de nomear os textos produzidos. Ainda, em “O grito” (ADM, p. 81), podemos observar a inconsistência no que tange à classificação de seus textos quanto ao gênero: “Sei que o que escrevo aqui não pode chamar de crônica nem de coluna nem de artigo. Mas sei que hoje é um grito. Um grito! De cansaço. Estou cansada!”

Interessante notar que as mulheres cronistas são mais sérias do que seus confrades homens. Não temos, entre as cronistas mais conhecidas, algumas que se destacam pelo humor: elas são mais poéticas, comprometidas com os problemas sociais, místicas ou existencialistas. Na crônica, “Adeus, vou-me embora!”, publicada em 20 de abril de 1968, Lispector não só apresenta as cronistas como também faz menção ao amor recebido de seus leitores:

Mas ser cronista tem um mistério que não entendo: é que os cronistas, pelo menos os do Rio, são muito amados. E escrever a espécie de crônica aos sábados tem me trazido mais amor ainda. Sinto-me tão perto de quem me lê. E feliz por escrever para os jornais que me infundem respeito. Só me ocorre o nome de três ou quatro cronistas mulheres: Elsie Lessa, Rachel de Queiroz, Dinah Silveira de Queirós, eu. Vou telefonar para Elsie, que faz crônica há mais tempo do que eu, para lhe perguntar que faço dos telefonemas maravilhosos que recebo, das rosas pungentes de tanta beleza que me oferecem, das cartas simples e profundas que me mandam (ADM, p. 95).

Vale ressaltar que, quando o cronista é mulher, pode referir-se a si mesma como tal, no feminino, ou genericamente, no masculino, podendo até, no mesmo texto, misturar os dois gêneros, uma vez que a escrita feminina vai além do gênero da escrita, isto é, o feminino não se restringe à mulher, embora não deixe de estar relacionado a ela. Assim, “Aprender a viver”, publicada em 1969, constitui um exemplo de crônica em que a temática da culpa ultrapassa o feminino e abrange o universal:

Pudesse eu um dia escrever uma espécie de tratado sobre a culpa. Como descrevê-la, aquela que é irremissível, a que não se pode corrigir. Quando a sinto, ela é até fisicamente constrangedora: é um punho fechando o peito, abaixo do pescoço: e aí está ela, a culpa. A culpa? O erro, o pecado. Então o mundo passa a não ter refúgio possível. Aonde se vá e carrega-se a cruz pesada de que não se pode falar (ADM, p. 206).

A cronista existe mesmo ou é invenção da cronista? O escritor do gênero narrativo cria, para contar uma história, um narrador que pode se parecer com ele, escritor, mas não é a mesma pessoa, mesmo que o texto ficcional tenha algumas características autobiográficas. Trata-se do foco narrativo ou do ponto de vista (há pequenas diferenças teóricas entre eles). Ora, no caso da crônica, em que os autores contemporâneos, geralmente, assinam suas matérias, a quem estão se referindo quando dizem “eu”? É sempre verdade o que se lê numa crônica? O “eu” de Clarice Lispector é sempre ele, o Clarice Lispector? O cronista, o narrador e o escritor que assinam são a mesma pessoa? Na crônica “Perguntas grandes”, a autora busca esclarecer essas questões:

Pessoas que são leitoras de meus livros parecem ter receio de que eu, por estar escrevendo em jornal, faça o que se chama de concessões. E muitas disseram: “Seja você mesma”.

Um dia desses, ao ouvir um “seja você mesma”, de repente senti-me entre perplexa e desamparada. É que também de repente me vieram então perguntas terríveis: quem sou eu? Como sou? O que ser? Quem sou realmente? E eu sou?

Mas eram perguntas maiores do que eu (ADM, p. 180).

As próprias matérias apresentam variedade de casos que podem tentar responder a essa questão. Isso sem falar dos autores mais antigos que “assinavam” suas crônicas com pseudônimos mais variados, por motivos diferentes, até por não quererem aparecer como autores de matéria jornalística considerada menor, uma vez que já são conhecidos como escritores de livro. Lispector, em “Viajando por mar”, deixa transparecer a preocupação com as marcas pessoais em seus textos:

Um dia telefonei para Rubem Braga, o criador na crônica, e disse desesperada: “Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço? Ele disse: “É impossível, na crônica, deixar de ser pessoal.” Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia (ADM, p. 349).

Evidencia-se que não é só como cronista que o escritor se acha menor, desnudando-se, humildemente, ante o leitor, visto que, também, quanto a outras manifestações artísticas, o cronista pode utilizar-se do seu pequeno espaço para fazer algo como uma autocrítica, fato que podemos perceber em “Entrevista alegre”:

Perguntou-me o que eu achava da literatura engajada. Achei válida. Quis saber se eu me engajaria. Na verdade sinto-me engajada. Tudo o que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos. É possível que este meu lado ainda se fortifique mais algum dia. Ou não? Não sei de nada. Nem sei se escrevi mais. É mais possível que não.

Perguntou-me o que eu achava da cultura popular. Eu disse que ainda não existe propriamente. Quis saber se eu a considerava importante. Eu disse que sim, mas que havia algo muito mais importante ainda: oferecer oportunidade de ter comida a quem tem fome. A menos que a cultura popular leve o povo a tomar consciência de que a fome dá direito de reivindicar comida. Vinde a nova encíclica que fala no recurso externo à rebelião em caso de tirania.

Até breve, Cristina, até o nosso jantar. Você parece que também ganhou de mim. O que é bom. Mas não sei por que, depois que li a entrevista, saí tão vulgar. Não me parece que eu seja vulgar. E nem tenho olhos azuis (ADM, p. 53).

Mas qual é a função da crônica? Os cronistas, com frequência, referem-se a seu fazer cronístico, mencionando o que fazem e esclarecendo por que o fazem, mostrando, ainda, como se sentem ou o que estava acontecendo quando tiveram uma inspiração para escrever esse gênero textual. Lispector, como tantos outros escritores, também faz metalinguagem, fato que podemos observar em “A preciosa aventura de escrever”:

Minhas intuições se tornaram mais claras ao esforço de transpô-las em palavras”. Isso eu escrevi uma vez. Mas está errado, pois que, ao escrever, grudada e colada, está a intuição. É perigoso porque nunca se sabe o que virá – se for sincero. Pode vir o aviso de uma destruição, de uma autodestruição por meio de palavras (ADM, p. 183).

A autora em estudo, para caracterizar o cenário branco a ser construído pelas palavras sobre o seu tecer como cronista, contista e novelista, mostra, explicitamente, a rotina, as dificuldades, o ritual, a máquina de escrever utilizada, o cansaço, enfim, utiliza-se da própria escrita para situar a sua enunciação literária. Realiza um trabalho estilístico de metalinguagem, levando o leitor a fazer uma pesquisa vocabular e estilística a extremos pouco vistos, sem romper com a sua divagação intelectualizante e com o caráter subjetivo do texto. Vejamos o que ela mesma afirma sobre o ato de escrever, na crônica “Temas que morrem”, publicada em 24 de maio de 1969:

Sinto em mim que há tantas coisas sobre o que escrever. Por que não? O que me impede? A exigüidade do tema talvez, que faria com que este se esgotasse em uma palavra, em uma linha. Às vezes é o horror de tocar numa palavra que desencadearia milhares de outras, não desejadas, estas. No entanto, o impulso de escrever. O impulso puro – mesmo sem tema (ADM, p. 196).

Também, há uma homenagem que presta à sua companheira de trabalho, ou seja, a inseparável máquina de escrever, na crônica “Até a máquina?”, publicada em 5 de fevereiro de 1972:

Mandei consertar minha máquina de escrever. Inserido ao redor do rolo (ou como quer que se chame o que vocês sabem) ainda estava o papel onde o consertador de máquinas tentara escrever para ver se esta já estava sem defeito. No papel veio escrito:
s d f g ç k j e v que Deus seja louvado p ou 3 c (ADM, p. 404).

O gênero textual “crônica” trata-se de um trabalho jornalístico ou literário? Gestos pequenos e despercebidos, beijos ou um pãozinho com café da manhã – com leite ou sem leite – é isso que a crônica acaba sendo para o leitor. No jornal, as manchetes trazem, em títulos épicos ou grandiloqüentes, o mundo. O mundo em letras garrafais. O susto é a primeira emoção do recém-acordado brasileiro, tratando-se, às vezes, de um susto bom, como na crônica “Eu tomo conta do mundo”, publicada em 4 de março de 1970:

Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar, e vejo às vezes que as espumas parecem mais brancas e que

às vezes durante a noite as águas avançaram inquietas, vejo isso pela marca que as ondas deixaram na areia. Olho as amendoeiras de minha rua. Presto atenção se o céu de noite, antes de eu dormir e tomar conta do mundo em forma de sonho, se o céu de noite está estrelado e azul-marinho, porque em certas noites em vez de negro parece azul-marinho. Os cosmos. Disso eu tomo conta com alguma relutância (ADM, p. 275-276).

A obra *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector (1999), em alguns títulos citados, apenas exemplifica essa quebra da tradicional objetividade jornalística, por meio do olhar da autora – atento e sensível – que transfigura o cotidiano. São exemplos: Brincar de pensar (19 de agosto de 1967), Primavera ao correr da máquina (23 de setembro de 1967), Quando chorar (25 de novembro de 1967), A entrevista alegre (30 de dezembro de 1967), Um pintinho (10 de fevereiro de 1968) Adeus, vou-me embora (20 de abril de 1968), Comer, comer (16 de novembro de 1968), Liberdade (26 de abril de 1969), O que é, o que é? (7 de junho de 1969), Que viva hoje (9 de maio de 1970), Um reino cheio de mistério (13 de outubro de 1970), Dia da mãe inventada (8 de maio de 1971) Você é um número (7 de agosto de 1971) Como adormecer (5 de fevereiro de 1972), A cozinheira feliz (4 de março de 1972) Taquicardia a dois (15 de abril de 1972), O mar de manhã (7 de abril de 1973), Por causa de um bule de bico rachado (29 de dezembro de 1973).

Vale ressaltar que os personagens das crônicas são apresentados sempre em conjunto e depois perfilados na busca de elementos invariantes que sustentam a história. Assim, observa-se que apresentam um relacionamento dialético sempre entre dois elementos A e B ou entre o Eu e o Outro, descrevendo um sistema de transformação que inclui a passagem por situações comuns. A localização de A e B ou do Eu e o Outro, em confronto, leva-nos a perceber que a narração, em Lispector, converge para a tematização da linguagem, como em fenômeno de epifania. A crônica “O dia da mãe inventada” surpreende pela apresentação textual e também pela epifania do amor apresentada na conclusão da crônica do dia 8 de maio de 1971:

Localização – Casa de Menores Abandonados; construção antiga, colonial; inúmeros pavilhões com salas amplas; teto alto; janelão gradeados.

Número de Crianças – 600.

Idade das Crianças – varia.

Cronologia – data da fundação, cerca de 1778.

Fundador – um português milionário, proprietário da casa; preocupado com problema do menor abandonado.

Finalidade – abrigar, educar, encaminhar crianças órfãs ou abandonadas pelos pais (ADM, p. 343).

O vocábulo “epifania” (do grego *epiphaneia*) pode ser compreendido num sentido místico-religioso e num sentido literário. No sentido místico-religioso, esse vocábulo remete ao aparecimento de uma divindade e a uma manifestação espiritual – nesse sentido, a palavra aparece descrevendo a aparição de Cristo aos gentios. Evidencia-se que, aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que, em princípio, mostra-se sim-

ples e rotineiro, mas acaba apresentando toda a força de uma inusitada revelação. Também, pode-se afirmar que se trata da percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes, evidenciando-se que a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve o personagem.

Conclusão – chama, uma por uma, as crianças que não têm filiação e informa: o nome de sua mãe é Maria ou Ana ou Sofia, etc. alegria das crianças: agora todas têm mães, embora que ausentes, mas cada criança, tornada alegre, se conforma que a mãe não venha visitá-la: é que Irmã Isabel sempre dá um motivo, explicando a falta de presença da mãe. Mãe inventada. Falsa. Imaginária. No papel apenas viva, quente. Cheia de amor.

Fim – tenho dito, considero por hoje encerrada a minha seção (ADM, p. 344).

Podemos afirmar que, em *Lispector*, o sentido de epifania se perfaz em todos os níveis: a revelação é o que autenticamente está narrado em seus contos e romances a partir de experiências rotineiras, ressaltando-se que, até mesmo nas crônicas analisadas, esse sentido torna-se um “presente” para o leitor visitar.

E o espaço geográfico fica só no nome? A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. O olhar, sem o saber, persegue essa realidade, fotografando o comportamento ou a figura do Outro e estudando a aparência fisionômica das pessoas para ler-lhe a nacionalidade e a posição, o caráter e o destino, pelo seu modo de andar, pela sua constituição corporal, pela sua mímica facial. A capital constitui espaço e assunto para muitas crônicas, contudo já não se pode afirmar o mesmo sobre o texto “Nos primeiros começos de Brasília”, crônica publicada em 20 de junho de 1970, em que *Lispector* apresenta a sua visão sobre a nova capital do país – uma cidade artificial, erguida sobre a criatividade técnica dos arquitetos e criada para representar um novo mistério, embelezada por construções com espaços calculados para as nuvens, apresentando o grande silêncio visual:

Há alguma coisa aqui que me dá medo. Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui. O medo sempre me guiou para o que eu quero; e porque eu quero, temo. Muitas vezes foi o medo quem me tornou pela mão e me levou. O medo me leva ao perigo. O que eu amo é arriscado. – Em Brasília estão as crateras da Lua. – A beleza de Brasília são as suas estátuas invisíveis (ADM, p. 295).

A linguagem simbólica da cronista torna Brasília um espaço irreal, quase mítico, e o que diz dessa cidade poderia ser aplicado a qualquer outra, desde que a escritora assim o quisesse. Já o que os cronistas dizem do Rio, ainda que em linguagem poética ou usando de superlativos hiperbólicos, tem relação com o real e dá para reconhecer a Cidade Maravilhosa, que acabou tendo uma vida de personagem, não só em crônica como também nos demais gêneros literários (e mesmo em reportagens): o Rio existe enquanto cidade real, comprovável, com suas belezas e suas mazelas, como o templo do samba, das praias, das mulheres bonitas e dos homens bem-sucedidos e/ou inteligentes, e autores de sacadas geniais.

Clarice Lispector – uma grande viajante que a vida permitiu ser por força da profissão do marido, um diplomata de carreira – viveu 15 anos fora do Brasil, então, Nápoles, Berna, Torquay fizeram parte de sua história. Ela surpreende o leitor visitante na crônica “Estive na Groelândia”, publicada em junho de 1971:

Fazia um frio que já não tinha nome. Vi o tipo de alguns groelandese: altos, esguios, lou-ríssimos. Eu disse a Alzira: faz de conta que fomos à cidade também. Ela concordou. E man-temos segredo, as duas: dizemos que já visitamos a Groelândia. Estou quebrando o segredo, Alzira [...] (ADM, p. 353).

Em seus textos, não deixa de apresentar nem tipos humanos inesquecíveis tais co-mo as empregadas, os filhos, as amigas, os taxistas, nem os seus maiores influenciadores de leitura: Guimarães Rosa, Pablo Neruda, Tom Jobim, Chico Buarque, Mário Quintana, Sér-gio Porto, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso, Carlos Drummond de Andrade. E lia, lia o que podia. Na Literatura Brasileira, destaca-se Monteiro Lobato: *As reinações de Narizinho*, “o livro mais grosso de Lobato”, foi a obra que mais a encantou, não só porque foi muito difícil adquiri-la – tomou-a emprestado de uma livraria. Lispector lia uma página por dia para que não terminasse logo a coluna de sábado do dia 12 de outubro de 1968, intitulada “Fide-lidade”, que traduz a importância desse autor para ela: “Quanto a mim, continuo a ler Mon-teiro Lobato. Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz. Nos momentos difíceis de agora, sinto um desamparo infantil, e Monteiro Lobato me traz luz” (ADM, p. 142).

Quando a palavra não vem, tudo pode ser um prato cheio para o cronista, até a difi-culdade em preencher o espaço em branco. Assim como alguns poetas buscam, intencio-nalmente, a poesia, também o cronista, às vezes, menciona a falta de assunto, por ela real-mente ocorrer, ou pelo fato de os assuntos fugirem ou terem sido gastos, ou mesmo devido a uma amnésia ocasional impedir o escritor de produzir as crônicas. Em *A descoberta do mundo*, Lispector deixa bem claro esse dilema e, em consequência disso, produziu crônicas que surpreendem o leitor: crônica de uma linha, crônica diálogo, crônica noveleta, crônica entrevista, crônica carta, crônica tradução, crônica social, crônica saudade, crônica ritual, crônica metafísica, crônica revelação, crônica morte, crônica diálogo, crônica prece, crônica mídia, crônica bicho, crônica mágoa, crônica medo, crônica lugares, crônica prazer, crônica escola, crônica insônia, crônica liberdade, crônica visita, crônica leitura, crônica perfil, crô-nica metalinguagem, crônica rotina, crônica vida, crônica perdão, crônica salmo, crônica dicionário. A seguir, apresentaremos alguns exemplos desse gênero textual que constitui uma inovação na Literatura Brasileira.

Crônica pílula, “Amor à terra”, publicada em 7 de junho de 1969: “Laranja na mesa. Bendita árvore que te pariu” (ADM, p. 201).

Crônica tradução, “Miguel Ângelo”, publicada em 3 de agosto de 1968: Versão ingle-sa de W. W. Newell. Dez anos antes de sua morte, Miguel Ângelo dedicou a Giorgio Vasari um soneto (LXV) intitulado “À beira da morte”.

Agora minha vida, por um mar tempestuoso,
como frágil embarcação alcançou aquele grande porto
onde tudo é posto em leilão, antes do julgamento final
do bem e do mal, para a eternidade.
Bem sei agora quanto aquela afetuosa fantasia
Que me fez minh'alma adoradora e cativa
da arte terrena é vã; quão errado (ADM, p. 122)

Crônica metafísica, “Desencontro”, publicada em 24 de julho de 1971, “Eu te dou o pão e preferes ouro. Eu te dou ouro mas tua fome legítima é de pão (ADM, 365).

Crônica dicionário, “Dicionário”, publicada em 3 de abril de 1971:

Néctar – suco doce que muitas flores contêm e que os insetos buscam com avidez.
Pistilo – órgão feminino da flor, que geralmente ocupa seu centro e contém o rudimento da semente.
Pólen – pó fecundante, produzido nos estames e contido nas anteras [...] (ADM, p. 338).

Crônica salmo, “De natura florum”, publicada em 3 de abril de 1971: “E plantou Javé Deus um jardim no Éden, que fica no Oriente, e colocou nele o homem que formara.” (Gen, II, 8) (ADM, p. 337).

Crônica conto, “Um conto se faz ao largo”, publicada em 9 de novembro de 1968:

Simplesmente não me lembro que história eu estava pretendendo contar, ao escrever essas linhas. Sei que era para ser um conto, mas que aventura espiritual seria? Não me lembro mais, e deixo aos leitores menos experientes, que escrevem ainda como exercício, o trabalho de continuar... Apenas enfinei uma vela e esta se faz ao mar. Mas e o rumo? Perdi a bússola (ADM, p. 151).

Crônica mídia, “Chacrinha?”, publicada em 7 de outubro de 1967:

De tanto falarem em Chacrinha, liguei a televisão para seu programa que me pareceu durar mais que uma hora.

E fiquei pasma. Dizem-me que esse programa é atualmente o mais popular. Mas como? O homem tem qualquer coisa de doido, e estou usando a palavra *doido* no seu verdadeiro sentido. O auditório também cheio. É um programa de calouros, pelo menos o que eu vi. Ocupa a chamada hora nobre da televisão. O homem se veste com roupas loucas, o calouro apresenta o seu número e, se não agrada, a buzina do Chacrinha funciona, despedindo-o; além do mais, Chacrinha tem algo de sádico: sente-se o prazer que tem em usar a buzina. E suas gracinhas se repetem a todo o instante – falta-lhe imaginação ou ele é obcecado [...].

Não entendo. Nossa televisão, com exceções, é pobre, além de superlotada de anúncios. Mas Chacrinha foi demais. Simplesmente, não entendi o fenômeno. E fiquei triste, decepcionada: eu queria um povo mais exigente (ADM, p. 36).

Crônica classificados, “Precisa-se”, publicada em 19 de outubro de 1968:

Sendo este jornal por excelência, e por excelência dos *precisa-se* e *oferece-se*, vou pôr um anúncio em negrito: precisa-se de alguém homem ou mulher que ajude uma pessoa a ficar contente porque esta está tão contente que não pode ficar sozinha com a alegria, e precisa reparti-la.

Paga-se extraordinariamente bem: minuto por minuto paga-se com a própria alegria (ADM, p. 144).

Crônica carta, “São Paulo”, publicada em 19 de outubro de 1968:

De São Paulo recebi uma carta de Fernanda Montenegro. Telefonei-lhe pedindo licença para publicá-la. Foi dada:

“Clarice

é com emoção que lhe escrevo pois tudo o que você propõe tem sempre essa explosão dolorosa. É uma angústia terrivelmente feminina, dolorosa, abafada, educada, desesperada e guardada.

Ao ler meu nome escrito por você, recebi um choque não por vaidade mas por comunhão. Ando muito deprimida, o que não é comum. Atualmente em São Paulo se representa de arma no bolso. Polícia nas portas dos teatros. Telefonemas ameaçam o terror para cada um de nós em nossas casas de gente de teatro. É o nosso mundo (ADM, 1999, p. 145).

Tendo o tempo como rápido na visita que faz, o visitante, discretamente, deixa a casa de Clarice Lispector, intitulada *A descoberta do mundo*. E como ele sai? Sentindo saudade, tendo vivido a insônia, o medo, a liberdade, o amor, o susto, a morte. Porém, a idéia maior que fica é a própria autora quem traduz na crônica “Mas há a vida”: “Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Há o amor. Que tem que ser vivido até a gota. Sem nenhum medo, não mata” (ADM, p. 346) e, em “Aprendendo a viver”, a necessidade de repetir que “A alegria de viver está no risco, sem o qual a vida não vale a pena!” (ADM, p. 161). Além de, como uma criança, a aprender a bordar a fio de ouro: “Viva Hoje” (ADM, p. 288), na crônica “Que viva hoje”.

Todas as visitas de Lispector que sempre foram até ela assentaram-se e nada disseram. Ela nunca entendeu... Por que será que o visitante ouvia... ouvia... ouvia?

Referências bibliográficas

BENDER, Flora; LAURINTO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo: Obras escolhidas III*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CAMPOS, Jorge Lucio. *Do simbólico ao virtual: a apresentação do espaço em Panofsky e Francastel*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor, in: JAUSS, Hans Robert et alli. *A leitura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 132.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. Amor, in: *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

MAIA, Ana Martha Wilson. *As máscaras d'a mulher: a feminilidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

MATA, Roberto da. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: 1985.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955. v. 1.

SAMUEL, Rogel. *Manual de teoria literária*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.